

# A RESSURREIÇÃO DOS DEUSES GREGOS

**T**ENHO entre mãos o recente e curioso livro do escritor João de Barros, intitulado «Os Deuses do Olimpo». Julgo tal obra duma oportunidade admirável. A sua deleitosa leitura, pois que o livro é escrito numa linguagem rica e cheia de clareza, traz-nos, a-par-de agradáveis momentos de prazer espiritual, reflexões sobre a necessidade de fazer ressurgir o maravilhoso espírito helénico, adaptado, é claro, às circunstâncias da vida moderna.

De facto, ao evocarmos toda a poética criação simbólica da mitologia grega, sentimos que por trás daqueles símbolos aparentemente fantasiosos, está toda a sólida estrutura duma filosofia sã e humana, plena de vida, de seiva e de verdade.

O paganismo da antiga e sempre nova Hélada é qualquer coisa de único na história do pensamento humano, qualquer coisa que perdurou e perdurará, vencendo a impiedosa sucessão dos séculos e a muralha dos conceitos metafísicos, chamando sempre o Homem à realidade da Natureza e da Vida, deificando aquela, para a libertação da consciência humana.

Hoje, que o avião e a T. S. F. anulam praticamente o espaço; que a máquina realiza todo um esforço que outrora só era realizável pela multidão; que os homens se degladiam para a conquista da Felicidade, invocando muitas vezes anti-humanos modos de agir — o espírito sereno e equilibrado dos Gregos surge-nos sempre na História como um fanal resplandecente, na sua inalterável luminosidade.

Athena, a deusa da Sabedoria e da Paz, pairando muito acima do choque das paixões humanas, encara entre desdenhosa e compassiva, os míseros habitantes do planeta, que no século XX puderam esquecer o seu sublime culto.

Mas o puro espírito helénico é intangível.

A única realização filosófico-social que soube alliar o sentimento à razão, que criou deuses vaporosos, leves e risonhos, nos quais apenas via os símbolos augustos da Natureza, da Humanidade e do Amor, subsiste e subsistirá sempre, através de todas as vicissitudes da atribulada jornada humana.

A leveza dos deuses jónios, no expressivo dizer de Michelet, é ainda hoje a única criação da Humanidade que nos traz à memória um período totalmente brilhante de Felicidade e Civilização.

Sim, porque toda a gente sabe que não houve ainda outra época conhecida na História que se possa comparar ao século de Péricles.

¿ De que nos servem as conquistas materiais e técnicas do nosso tempo, se não possuímos o elevado grau lógico, ético e estético daquele Povo privilegiado?

¿ Quem é hoje capaz de criar um Partenon, monumento que eu tomo no sentido de exponencial máximo duma civilização?

¿ Se isto é uma verdade reconhecida, porque não procuramos ressuscitar a Grécia?

¿ Que teria de deprimente para nós, enfatuados sabichões do século XX, reconstruir os templos da filosofia jónica e restabelecer o culto de Apolo — o deus Sol — ou de Afrodite — a deusa do Amor?

! Quão belo não seria, então, para a Humanidade ver de novo rasgarem-se horizontes de Luz, que iluminaria novas e maravilhosas conquistas na Arte e na Ciência!

À gente nova vai pois o meu apêlo:

Estudai a magna beleza da filosofia Helénica, introduzi-a na vossa vida para com ela influenciar os outros, e tracemos para nós um caminho de realizações, inspiradas no culto da Natureza, o que substituirá as concepções absurdas no domínio do pensamento, as quais têm somente acarretado grande soma de infelicidades para os homens.

Façamos erguer de novo as colunas marmóreas dos templos cheios de luz, onde se renda culto de poesia aos deuses do novo Olimpo, sob a égide dos quais se façam leis de amor e de concórdia para a Cidade Nova.

¿ Não amamos nós o sol resplandecente que nos ilumina, aquece e dá vida? Era Apolo o belo deus da luz e da poesia.

¿ Não admiramos nós a grandiosidade magnífica de toda a Natureza: o céu, o mar, a terra, o fogo?

¿ Não votamos culto às virtudes humanas, ao amor e à ciência?

¿ Que nos deve pois repugnar aceitar como deuses a Zeus, Neptuno, Demeter, Vesta, Afrodite ou Athena?

A sua representação simbólica em belas estátuas, que ornamentarão os nossos lares e as nossas casas de trabalho, não sugerirão às gentes incultas ideias de terror ou superstição, e as nossas crianças brincarão descuidadas à sua sombra, sem temor que elas se convertam em truculentos papões ameaçadores.

A Arte, a Ciência e a Filosofia terão tudo a lucrar numa atmosfera de neo-paganismo, propícia a todos os vãos da inspiração dos Artistas e das aspirações da grande Humanidade.

Operando a «Ressurreição dos Deuses Gregos» — teremos trilhado um grande passo no caminho da Verdade, do Bem e da Beleza.

Luiz de Sanjusto.